



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOZANIA FERREIRA DE SANTANA

**A ESCUTA SENSÍVEL COMO PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Salvador
2016

JOZANIA FERREIRA DE SANTANA

**A ESCUTA SENSÍVEL COMO PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em, faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil

Orientadora: Dr^a Maria Auxiliadora Cerqueira Wanderley

Salvador
2016

RESUMO

Este trabalho aborda uma pesquisa sobre a escuta sensível na prática docente do cotidiano na educação infantil. Compreender que para obter uma educação infantil de qualidade é preciso que o educador permita as crianças serem protagonistas durante a prática pedagógica. Entender que o diálogo e a escuta sensível do professor pode colaborar na construção da autonomia das crianças, permitir e transformar em sujeito de direito. Participaram da pesquisa 25 crianças em uma escola comunitária de Camaçari de tempo integral. No desenvolvimento teórico foram abordados: Carla Rinaldi; Rener Barbier; Loris Malaguzzi.

E por fim, os resultados alcançados do trabalho demonstram a participação das crianças como participantes autônomos.

Palavras chaves: Criança; Educação Infantil; Escuta Sensível

SUMÁRIO

1. O DESPERTAR DE UMA PROFESSORA	7
2. VALORIZAR A CRIANÇA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO – UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE	11
3 METODOLOGIA	12
3.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA	13
3.2 CAMPO DE PESQUISA	13
3.3 SUJEITOS E INSTRUMENTOS	14
3.4 PROJETO RUA DE RECREIO	14
4 O LUGAR DA ESCUTA NA FORMAÇÃO DOCENTE	16
4.1 PEDAGOGIA DA ESCUTA NA IMPLEMENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO	18
4.2 O PAPEL DO PROFESSOR PESQUISADOR	20
4.3 DOCUMENTAÇÃO, REGISTRO E AVALIAÇÃO	19
5.1 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES	
5. A ESCUTA SENSÍVEL- AMPLIANDO O OLHAR PARA A PRÁTICA DOCENTE	24
5.1 A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA	25
5.2 ESCOLAS COMO ESPAÇO DE PRÁTICA ÉTICA E POLÍTICA	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	30

1 O DESPERTAR DE UMA PROFESSORA

Este trabalho foi de suma relevância para minha formação acadêmica, profissional e pessoal, resgatar, repensar minha prática exigiu de mim uma análise profunda acerca de mim mesma, um autoconhecimento capaz de explicar o presente e apontar para um futuro infinitamente melhor. Fui levada a retomar lembranças de quando era criança, para entender como cheguei até aqui, enfim, história que começou em 1996, ano em que iniciei o ensino médio com formação em magistério, nessa época já trabalhava como auxiliar de classe com grupo de 3 anos.

Ser professora era para mim uma possibilidade de trabalhar, na época não pensava acerca de realização pessoal ou profissional, tinha uma visão pragmática da vida, assim fui vivenciando a rotina de um professor. Em 1999 me formei, contudo não segui na profissão, trabalhei no comércio em vários segmentos por dez anos. Minha vida profissional veio se firmar para educação quando dei início à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) Pedagogia à distância, no ano de 2009, mesmo ano em que tive a oportunidade de estagiar em duas creches, entre elas, a Escola Infantil Apito, na qual me encontro até hoje, lugar onde me encontrei como professora e me apaixonei na área da Educação Infantil.

A partir dessa experiência com o estágio, surgiu por intermédio desta mesma escola a possibilidade de ingressar no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pela Universidade Federal da Bahia /UFBA. Através da disciplina Metodologia da Pesquisa e Educação Infantil mediada pela professora Elisa Pacheco, que solicitou a construção do inventário refletindo sobre minha prática pedagógica, que a partir deste encontrasse um problema cujo destacasse uma dificuldade na práxis no cotidiano. No decorrer da construção refleti sobre vários problemas, porém a escuta sensível com as crianças foi que me inquietou me instigando a realizar essa pesquisa e elaboração do projeto como culminância para finalizar a disciplina. Costumo dizer que passar por este espaço foi um divisor de águas em minha vida profissional, porque a cada disciplina tenho aprendido mais acerca da cultura da infância, do ato de educar, do processo de aprendizagem, sem dúvidas nenhuma o meu olhar tem ampliado no que diz respeito à Educação Infantil. Muitas disciplinas foram norteadores durante o curso de especialização, dentre elas:

Currículo, proposta pedagógica, planejamento em creches e pré-escolas; Natureza e cultura e saberes; Linguagem, oralidade e saberes.

Com a disciplina de: *Currículo, proposta pedagógica, planejamento em creches e pré escolas*, ministradas pelo professor Roberto Sidnei, aprendi a importância do campo de pesquisa para elaboração de um projeto, e que toda boa pesquisa em si já é um processo de aprendizagem, compreendendo a criança como ser concreto, participante. Assim, em todos os contextos da prática pedagógica, o professor deve permitir às mesmas serem protagonistas do currículo que desejam construir, por meio de uma escuta sensível, tendo o diálogo como ponto de partida para o conhecimento.

Em *Natureza e Cultura: conhecimentos e saberes*, mediada pela professora Cinthia Seibert, entendi que a aprendizagem é uma constante. Portanto devemos procurar compreender o lugar através da observação e curiosidade, onde a escuta sensível é um conjunto de interpretar, compreender e analisar, afim de procurar formas, de inventar e reinventar a aprendizagem, dialogando com múltiplas linguagens.

Nesse contexto, *Linguagem, oralidade cultura e escrita*, com a professora Jucineide, percebi a importância das rodas de conversa mediadas e espontâneas, momento rico de experiências e aprendizagem em que o professor precisa estar atento às falas das crianças exercitando a escuta sensível, atento ao que as crianças trazem de aprendizagem e o querem aprender.

Uma das coisas que mais chamou a atenção durante o desenvolvimento deste trabalho foi ter percebido o quanto reproduzimos o que vivenciamos na infância e o quanto é séria a relação de escuta sensível da criança, implicando em todos os seguimentos da vida. Com a possibilidade de avaliar minha práxis na turma no grupo de 05 anos da *Escola Infantil Apito*, reconheci uma lacuna no meu trabalho, o que dificultava essencialmente na afetividade com meus alunos, influenciando, portanto, em todo processo ensino-aprendizagem.

Reconhecer é o primeiro passo para mudar, nesse processo de mudança fui confrontada a voltar ao passado, em tudo o que me recordo quanto criança, como se dava a questão do diálogo na família, na escola, precisei voltar à minha infância para que, como professora, entendesse por que insistia inconscientemente numa prática perversa, que anula completamente o ser.

Mergulhando as lembranças, recordei muitas cenas que vivi com meus pais, lembrei que não tínhamos o hábito de conversar em minha casa, tão pouco os adultos demonstravam interesse no que uma criança poderia pensar ou sentir. Desde pequena me foi roubado o direito de expressar opiniões, desejos, sentimentos. Hoje entendo porque fui me calando e assumindo uma postura passiva diante da vida e das situações e de como as experiências vividas na infância compõem o que sou hoje.

Enxergando isso agora, percebo o quão importante é a figura do professor e da escola para a formação pessoal, protagonismo, construção da identidade, autoconfiança, independência da criança, influenciando em sua forma de se relacionar com o outro. Privilegiamos a escuta sensível quando asseguramos no ambiente escolar, espaços legítimos de participação e de construção de uma proposta pedagógica que considera o sujeito em sua complexidade e todo seu entorno, através da concepção de criança como ator social, portanto, capaz de agir, interferir, construir e reconstruir sua própria história.

Escutar a criança é garantir-lhe autonomia, é educar para a vida. Implica, portanto, muito mais que simplesmente ouvir o que diz, mas valorizar tudo o que sente e o que é, toda dimensão subjetiva, biopsicossocial do sujeito em desenvolvimento. Nada mais triste que uma infância vedada, ainda pior que calar é simplesmente ouvir, dando uma falsa impressão de que foi respeitada em seu direito elementar.

A criança produz cultura, ou seja, não é passiva a cultura e a sociedade, participa ativamente da produção cultural e social. Pensar uma educação infantil de qualidade implica em escutar e respeitar as vozes das crianças no cotidiano escolar, trazendo para o currículo sua peculiar forma de ver, compreender e vivenciar a realidade, ou seja, suas formas de significação e ação no mundo. Quanto mais dermos espaços para as vozes das crianças mais elas nos apontarão novidades.

Compreender que a participação também ocorre “sem palavras”, que a linguagem do corpo pode ser sensível e inteligentemente interpretada, permite evitar muitas das participações “artificiais” ou frágeis, nas quais as crianças desempenham papel decorativo e “parecem” estar incluídas, diferentemente de situações nas quais são respeitosamente informadas e consultadas partilhando das decisões com os adultos.

Com a oportunidade de observar como se dá o processo de valorização

dos atores sociais no espaço escolar para reconhecer de que forma essa escuta sensível do professor para com a criança está acontecendo no cotidiano, refleti sobre minha própria práxis como docente da *Escola Infantil Apito*, com crianças do grupo de 05 anos. Vale ressaltar que essa Escola tem matriz Italiana, constituída sobre os pressupostos e valores trazidos por Reggio Emília, cujos ideais consistem em dar relevância à voz da criança para a construção do currículo, de educar para o protagonismo. Dessa forma, baseia-se em um conhecimento que não chega pronto pelo professor, mas se constrói coletivamente a partir das vivências dos sujeitos envolvidos.

Fazendo uma auto-análise quanto educadora neste espaço, entendi que há uma diferença entre ouvir e escutar, no hall das confusões acerca desse entendimento estava a raiz de todo engano que perfazia minha prática. Na correria do dia a dia, em meio tantas cobranças de pais, coordenação, relatórios e planejamentos, acabava ouvindo os meus alunos sem escutá-los, verdadeiramente não os conhecia. Difícil reconhecer, mas estava muito mais interessada em dar conta de algo que havia sido planejado, do que mudar em prol das necessidades individuais de cada criança fosse construindo um conteúdo que verdadeiramente tivesse significado para elas.

Ouvir e escutar são ações distantes. Ouvir relaciona-se aos sentidos da audição, ao próprio ouvido, ao aparato biológico que dá conta de decifrar sons, canal importante para que haja a escuta. Escutar vai além, é ouvir com atenção, sentir, perceber o outro, sua alma, suas aflições, abarca a dimensão física do olhar no olho, de perceber os gestos, de reconhecer a emoção na voz, é identificar sons no silêncio muitas vezes, requer entrega, doação, cautela, afeto. Por quanto a idéia de quem ouve o outro é vazia em si mesma, contudo aquele que escuta certamente ouve.

Diante da relevância da temática para a prática diferenciada do professor de Educação Infantil, pelo impacto na construção pessoal do sujeito em formação, o estudo tem por objetivo refletir de que forma se dá essa escuta sensível no espaço escolar, ressignificando o papel da criança e do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, foi eleito como método de pesquisa a etnopesquisa, com auto avaliação da minha prática como docente por meio do memorial, construção do inventário com anotações das experiências com as crianças do grupo de 05 anos,

bem como análise do cotidiano da Escola Infantil Apito, visando compreender como se dá o processo de aprendizagem e o lugar da escuta nas relações que permeiam esse espaço.

Realizada a pesquisa, as informações encontradas foram sintetizadas e distribuídas em 6 capítulos, ao longo dessa produção textual, afim de facilitar a leitura e a compreensão do leitor, intitulados da seguinte forma: capítulo1, **O despertar de uma professora**; capítulo 2, **Valorizar a criança na construção do conhecimento**; capítulo 3 **Metodologia**; capítulo 4 **O lugar da escuta na formação docente**; capítulo 5 **A escuta sensível: ampliando um olhar para prática docente**; capítulo 6 **Considerações finais**.

2. VALORIZAR A CRIANÇA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO – UM OLHAR SOBRE A MINHA PRÁTICA DOCENTE

Chegamos ao momento do meu trabalho no qual me debruço para apresentar também os resultados de uma análise minuciosa da minha prática, quanto docente, da turma de 5 anos de idade da Escola *Infantil Apito*.

Após mergulhar no meu memorial de formação, compreendi o que representa na prática uma escuta sensível da criança, reconhecendo-a como protagonista no processo de ensino/aprendizagem, assim, passei a enxergar a escola como um espaço para a prática da ética e da política, onde o papel do professor pesquisador é promover situações que otimizem o desenvolvimento integral do educando.

Portanto, essa concepção exige do educador e da escola uma escuta profunda das crianças e de suas manifestações, com um currículo flexível, construído mediante curiosidades, vivências e necessidades da criança, considerando que elas são competentes, mas que o professor também é, elevando a Instituição Escolar a um lugar de encontro, pesquisa e de conhecimento.

Nessa perspectiva, fica evidente a relevância dos registros das atividades realizadas pelas crianças, suas falas e impressões, como norteadores do trabalho pedagógico, uma vez que sinalizam desafios e possibilidades de aprendizagem.

Durante a aplicação do projeto de pesquisa que norteou esse estudo,

uma experiência em especial me chamou a atenção, a *Rua de Recreio*, onde a criança foi contemplada como centro da ação e o professor teve função essencial, encorajando a criança como sujeito completamente capaz de construir seu próprio conhecimento.

3. METODOLOGIA

3.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA

Este estudo se trata de uma etnopesquisa, sendo quanto à forma de abordagem qualitativa, onde se busca refletir de que forma se dá a escuta sensível no espaço escolar, ressignificando o papel da criança e do professor no processo de ensino-aprendizagem, visando compreender como se dá o processo de aprendizagem e o lugar da escuta nas relações que permeiam esse espaço.

Para compreender a relevância dessa abordagem metodológica faz-se necessário compreender seu significado. Conforme Barbosa, etnopesquisa, não seria outra coisa senão uma pesquisa ao mesmo tempo enraizada no sujeito observador e no sujeito observado, enraizada no sentido etnológico, o de dar conta das raízes, das ligações que dão sentido tanto a um quanto a outro (2000, p. 24).

Campo de pesquisa: *Escola Infantil Apito* – Associação Paulo Tonnucci, escola comunitária localizada no Bairro dos 46, município de Camaçari/BA, que funciona em turno integral com crianças de 3 a 5 anos de idade.

3.2 SUJEITOS E INSTRUMENTOS

Para realização desta pesquisa foram ouvidas e observadas 25 crianças do grupo de 5 anos - G5, da *Escola Infantil Apito*, professores, colaboradores, família e comunidade local através de forma dialógica. O estudo dividiu-se em 4 etapas: construção do meu memorial de formação, levantamento do inventário com impressões de professores e pais acerca da escola e criança, pesquisa de artigos e publicações pertinentes ao tema, aplicação de projeto de intervenção, análise e sistematização de toda informação prática e teórica.

Observei durante a pesquisa, a maioria das crianças mostraram interesse

de se expressar quando percebiam que eu parava para escutá-lo, percebi que todos sempre queriam falar ao mesmo tempo, seja sobre o tema abordado ou atividades livres, relacionavam com sua realidade, ou seja, nas vivências em famílias.

É necessário pontuar que as crianças demonstravam liberdade, alegria e confiança quando falavam de suas aventuras nos passeios e até mesmo quando ficavam em casa nos finais de semana, ou relacionavam algumas situações de alguns coleguinhas.

Ainda encontra-se famílias que demonstram pouco interesse em escutar os filhos sempre alegando a falta de tempo, muitas vezes por não ter paciência, e por não acreditar nas capacidades que as crianças querem mostrar. Porém, percebi diante das falas de alguns dos responsáveis que seus filhos estão mais questionadores, críticos, e autônomos em suas falas e desejos. Segundo Carla Rinaldi (2012) afirma que:

“A criança é como ser que tem e constrói seus direitos, que exige respeito e valorização desses direitos, em nome da própria identidade, singularidade e diferença”.

Nessa perspectiva, durante o processo, notei que a maioria das crianças conseguiu modificar a letra da música, inventando de acordo que eles achavam que estavam corretos, transformando em paródia, ou seja, finalizando a culminância do projeto, que tive a alegria de ressaltar para todos que estavam presentes que foram as crianças que foram autores daquele momento tão especial e significativo, apresentado por eles.

3.3 PROJETO RUA DE RECREIO

Na Escola *Infantil Apito* todos os anos é comemorado no mês de outubro o aniversário da Instituição. Nesse período é realizado vários eventos, entre eles, a exposição das atividades dos grupos nos espaços externos da escola para as famílias e bairros adjacentes, para que possam prestigiar as atividades das crianças.

Como culminância tudo o que foi construído durante o ano letivo é exposto na *Rua de Recreio*, rua localizada ao lado da escola, oportunizando aos moradores, educadores, crianças e familiares, momentos de interação,

conhecimento, partilha e diversão, com apresentações das crianças, brincadeiras de rua, e várias oficinas.

Cada ano esse projeto acontece com uma temática pré-definida pelas crianças, docentes, comunidade escolar e família, de acordo à necessidade apresentada pelo conjunto. No ano de 2015, aconteceu à luz do tema “Sonhar conhecer e girar: Vamos juntos vivenciar”, onde todos tiveram oportunidade de conhecer um pouco mais da cultura de alguns lugares, em especial a Itália, que exerce forte influência sobre as práticas da escola.

Para que tudo isso fosse realizado, foi necessário permitir às crianças serem protagonistas em todos os momentos, o que significou um grande desafio para todos, em especial para mim, enquanto professora, praticar a escuta sensível. O primeiro desafio que tive foi organizar os espaços externos com as ideias das crianças, momentos de resgate sobre que vivenciaram e aprenderam até o momento. Nessa perspectiva Carla Rinaldi, (2012) afirma:

“Uma criança ativa, competente e crítica; uma criança que é portanto, “desafiadora”, porque produz mudança e movimento dinâmico nos sistemas que estão envolvida, inclusive a família, a sociedade e a escola. Ela produz cultura, valores e direitos, competentes para viver e aprender”.
(Pg, 156)

Nesta escola, como cultura, a cada ano as turmas criam uma identidade a partir da eleição para escolha no nome que representa o grupo. Em ocasião o nome do grupo era “estrela”. Havia a necessidade de cada grupo criar um painel para simbolizar o nome do seu grupo. Como não poderia ser diferente, essa construção foi decidida coletivamente. Conforme descrito no diálogo abaixo:

Professora: O que podemos fazer um painel para simbolizar o grupo?

Sol respondeu: Pode fazer as estrelas do mar e as estrelas da noite.

Professora: Como assim?

Naty respondeu: Faz o mar de cor azul para colocar as estrelas de mar, e pinta outro pedaço de preto para fazer as estrelas da noite.

Então Sol logo respondeu: O céu não é preto é azul.

Professora: E agora? O céu é azul ou preto à noite?

Lua respondeu: Podemos pintar o azul por cima do preto.

E assim foi feito, as crianças fizeram a pintura do painel e logo desenharam e pintaram as estrelas e colaram no painel. Outro momento muito importante foi decidir qual seria a apresentação final da Rua de Recreio.

Pró: Todos os grupos vão fazer uma apresentação na rua de recreio para família e pessoas que vão prestigiar e participar da nossa festa. O que vocês querem apresentar?

Pê disse: Podemos cantar a música de arco-íris;

Bia respondeu: já cantamos essa música, não lembra?

Nathy: Vamos cantar a música da Luna.

Pró: Quem é Luna e que música é essa?

Com risos Lua logo responde: Oxe pró, a música eu quero saber, você não assiste não é?

Logo a pró fala: Porque não pegamos essa música e mudamos a letra envolvendo o tema anual que é: Sonhar, conhecer e girar: Vamos juntos vivenciar?

E assim foi realizado, as crianças aos poucos foram criando palavras, com o mesmo ritmo, se concretizando uma parodia, “Eu quero saber”. Conforme descrito a seguir:

Eu quero saber, onde fica a Itália? Será que posso ir andando de sandália? Eu quero saber, por que o mundo gira? Eu tenho tanta pergunta, porque a estrela brilha? Eu quero saber, não quero dormir! O que está acontecendo? Eu vou descobrir.

Finalizando, a educadora perguntou às crianças como poderiam fazer na frente das camisas para apresentação.

Flor: Desenhar pró, as crianças em volta do mundo de mão dadas.

E assim todos concordaram e no dia da festa todos se apresentaram com muito entusiasmo e alegria. Como professora tenho aprendido muito com esses momentos da *Escola Apito*, o corpo docente preconiza o protagonismo da criança e a comunidade valoriza suas produções, todos juntos em prol da criança, certamente este é o segredo para a *Rua de Recreio* se manter, ano após ano, interessando e agradando a todos envolvidos, desde a organização à execução, um sucesso.

Arquivo pessoal – Registro do Grupo Estrela na Rua de Recreio- anexo I



Arquivo pessoal - Registro do Grupo Estrela e comunidade na Rua de Recreio- anexo II



4 O LUGAR DA ESCUTA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Praticar a escuta sensível implica em desconstruir uma série de concepções forjadas ao longo de toda formação do profissional que trabalha com educação infantil. Durante muito tempo na história da educação infantil no mundo, a escola para a criança até 6 anos de idade era vista e pensada como algo sem relevância, um depósito de criança cujo objetivo maior era promover a vida profissional dos pais por meio do cuidado com seus filhos, o termo creche, denota muito dos objetivos da educação infantil até algumas poucas décadas atrás.

Especificamente no Brasil, a construção da identidade das creches e pré-escolas começou a partir do século XIX, concomitante com as políticas de atendimento à infância, marcada por diferenças entre as classes sociais. Como dito anteriormente, com o objetivo de cuidar, no sentido físico e de saúde, com uma

característica puramente assistencialista às classes menos favorecidas, e a educação no sentido de promoção intelectual destinada aos filhos das classes mais abastadas.

Além desse paradoxo, a educação infantil durante muito tempo não contou com o setor público para investimentos em estrutura ou formação dos profissionais, muito menos pensar num currículo que desse conta da totalidade complexa presente em cada criança. Graças aos movimentos nacionais e internacionais iniciados em 1959 com a Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente, instituídos pelo Brasil através do artigo 227 da Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (lei 8.069/90) a educação voltada para a faixa etária de 0 a 6 anos começou a ser pensada com mais responsabilidade, como um dever do Estado e direito da família, atrelando à dimensão do cuidar a de educar, sendo necessário se pensar um currículo para essas crianças e investir em formação de pessoal qualificado para dar conta dessas novas demandas.

A partir daí a Educação Infantil passou a fazer parte da educação básica (lei 9.394/96), tendo recursos destinados para sua oferta gratuita, assim como para formação docente, recursos didáticos, e critérios específicos para uma instituição ofertar o serviço. Quanto ao objetivo da escola, sofre um grande avanço, o de promover a desenvolvimento integral, biopsicossocial da criança, numa parceria com a família e comunidade. As creches e/ou pré-escolas, passam a se constituir como estabelecimentos, privado ou público, com função de educar e cuidar de crianças com idade entre zero a cinco anos de idade, por meio de profissionais com formação específica legalmente determinada, habilitação para o magistério, superior ou médio (MEC, SEB, DICEI - 2015).

Toda essa mudança no cenário da Educação Infantil favoreceu prática que valorizasse a criança como ser que pensa, sente, constrói cultura, fundamentadas numa pedagogia que desse a vez e voz à criança.

4.1 PEDAGOGIA DA ESCUTA NA IMPLEMENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Antes de adentrar no conceito de Pedagogia da escuta, Carla Rinaldi (p. 124, 2012) nos remete a refletir o termo “escuta”, como sensibilidade aos padrões que nos conecta aos outros, onde tudo o que sabemos ou pensamos são apenas pequenos fragmentos de um conhecimento amplo que mantém o universo unido. Portanto, é uma metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido, ouvir além das orelhas, mas com todos os sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição). Escutar, portanto, as cem, mil linguagens, os símbolos e códigos que usamos a todo momento, para nos comunicarmos, sentirmos e aprendermos com o outro.

A Pedagogia da Escuta vem justamente assegurar a escola como lugar da ética e política, possibilitando o desenvolvimento integral, físico-intelectual-emocional, das crianças, por meio do foco sistemático no perfil simbólico, levando as crianças na primeira infância a uma condição surpreendente de desenvolturas simbólicas e criatividade. Nessa perspectiva, educar consiste em organizar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que contribuem para o desenvolvimento das habilidades infantil de relação interpessoal, de alteridade, de ser e estar com os outros em atitude de aceitação, respeito e confiança, e a entrada, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

4.2 O PAPEL DO PROFESSOR PESQUISADOR

O professor pesquisador precisa ser acima de tudo alguém sensível às questões do outro, paciente e empático, deve estar sempre atento às atitudes, comportamentos, falas, gestos da criança. Não é tarefa fácil, exige desprender-se de si mesmo, seus valores, ideias e conceitos. Para Barbier (2002) significa compreender a existencialidade interna, reconhecendo a aceitação incondicional do outro, livre de julgamentos, medidas ou comparações. Ou seja, o professor pesquisador busca compreender o outro, se abstendo momentaneamente de suas

posições filosóficas e valores, esforçando-se em não rotular o indivíduo segundo seus papéis e posições sociais, mas identificando-o em seu ser, obrigatoriamente, complexo, livre e criativo.

Outro aspecto relevante acerca do pesquisador foi também trazido por Barbier em 1977, quando afirmou que o pesquisador deve comprometer-se ética e politicamente com a práxis científica, considerando sua história familiar e libidinal, suas relações de produção e de classes, agregando sua filosofia de vida e um sistema de valores. Em outras palavras, o pesquisador imbricado com sua visão de mundo e com suas crenças pessoais, não estando isento de contaminações, contudo, com as realidades alheias inter-relacionadas com as suas, estando desta forma envolvido coletivamente.

Na Pesquisa Ação Existencial Cancherini (2007) citou Barbier (2002), ressaltando ainda a importância em reconhecer desejos, intenções, estratégias, possibilidades do sujeito no desenvolvimento coletivo. O pesquisador reconhece seu lugar na organização social e os interesses que orbitam ao seu redor. Portanto, a pesquisa ação está diretamente relacionada com mudança, visa transformar enquanto conhece, para a qual o pesquisador exerce um papel de intermediário no processo de conhecer, produzindo as condições de análise, meios, promove a consciência de situações opressoras, interpreta, esclarece, evidencia contradições.

Do ponto de vista do pesquisador professor, isso significa dizer que em sala de aula e nos espaços escolares o professor deve promover situações distintas de aprendizagem, onde seja possível à criança interagir umas com as outras utilizando diversas linguagens, atribuindo valor e sentido ao que vivencia a partir de suas próprias convicções e da conexão destas com as ideias, valores e conhecimentos do outro. Assim se constrói um conhecimento coletivo, fruto de experiências múltiplas, inter-relacionando saberes, onde o professor tem a função primordial de ser o mediador e sistematizador desses saberes.

Para tanto, se faz imprescindível o repensar, refletir para transformar coletivamente. Nesse sentido, os registros do professor (relatórios, portfólios, fotos, inventários, vídeos), os registros das crianças (pinturas, desenhos, falas, curiosidades, sentimentos expressos), assim como as impressões da família e comunidade, servirão de ponto de partida para um refazer contínuo da prática docente e uma ressignificação do papel da criança e da escola na construção do conhecimento.

4.3 DOCUMENTAÇÃO, REGISTROS E AVALIAÇÃO

Considero pertinente a contribuição de Carla Rinalddi (2012) acerca da documentação, segundo a autora não se trata de uma coleção de documentos, portfólio que auxilia avaliações e arquivos, mas sim um procedimento que sustenta a ação educativa (ensino) no diálogo com processos de aprendizagens das crianças, possibilitando também o compartilhamento de conhecimentos e experiências, sendo aspecto essencial para o planejamento das ações futuras.

Através da documentação o professor tem a oportunidade de escutar pela segunda vez, ver de novo, podendo observar detalhes do processo e enxergando novas possibilidades de vivências, reestruturando antigas rotas de aprendizagem, refazendo-se quanto educador. Importa expressar que tão importante quanto para a criança, a documentação é essencial para o professor, revelando-se como norteador de sua prática. Estimula a comparação e conflito de ideias, permitindo a auto avaliação para o desenvolvimento pessoal.

Esse registro pode e deve ser feito de várias formas, por todos autores do processo, professor, criança, família, através da escrita de relatórios, anotações em diários, portfólio da criança, fotos de momentos da rotina, filmagens de atividades coletivas ou individuais, desenhos, pinturas, outros. Madalena Freire traz uma afirmativa frente ao registro, segundo a autora:

“Dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É nesse sentido que o registro escrito amplia a memória e história o processo, em seus momentos e movimentos” (NOVA ESCOLA, 2016).

A documentação também proporciona aos pais das crianças a oportunidade em saber o que seu filho está aprendendo, estimulando a repensar seu papel na educação da criança. Assim, compartilhar a documentação representa um ato de democracia e valorização da criança, da cultura da infância, devendo ser fonte de consulta constante de educandos, educadores e família.

Heloísa Lazzari destaca a importância do registro para o professor, ao produzir o registro, o professor organiza seu fazer e documenta sua história (Nova Escola, abril, 2016). Pois à medida que o analisa sua prática, registra e relê seus

escritos, tornar-se cada vez mais reflexivo. Lino de Macedo, reintera dizendo que:

Refletir é ajoelhar-se diante de uma prática, escolher coisas que julgamos significativas e reorganizá-las em outro plano para, quem sabe, assim podermos confirmar, corrigir, compensar, substituir, melhorar, antecipar, enriquecer, atribuir sentido ao que foi realizado (NOVA ESCOLA,2016).

Deste modo, a documentação é um processo dialético pautado em laços afetivos, uma forma de narrativa intrapessoal e interpessoal que oferece sempre àquele que a analisa aprender, refletir, duvidar, comprovar, sendo uma rica ferramenta de conhecimento. Contudo, vale destacar que aquele que registra trará sempre em sua forma de registro seu ponto de vista, o seu olhar sobre determinada situação, por mais distante que tente estar do julgamento, comparação, o que deriva do fato de que o objeto narrado será sempre um caminho de pesquisa e nunca um fim. Para tanto, o ideal é que o registro tenha um interlocutor, ou seja, possa ser lido pelo gestor, outro professor ou equipe docente da escola.

Trazendo para a perspectiva de documentar para avaliar, tenhamos claro a noção de avaliação aqui pretendida, como ato de valorizar o que foi construído. A avaliação dos registros e documentos devem preconizar aquilo que se obteve de crescimento, nunca o erro no valor pejorativo. Nesse contexto, tudo o que é observado nos documentos, passa por uma reflexão, tendo como meta a superação pessoal do sujeito, em respeito ao seu ritmo de aprender, àquilo que lhe tem significância e o que deseja conhecer.

Para Anabel Maevi (2010) a avaliação é um instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças, a partir dela o professor encontra elementos que estão contribuindo ou dificultando as possibilidades de expressão da criança, sua aprendizagem e desenvolvimento, para então fortalecer ou modificar a situação, de modo a tornar efetivo o Projeto Político Pedagógico de cada escola. Conforme estabelecido na Lei nº 9,394/96 de ter por finalidade acompanhar e repensar o trabalho realizado através dos registros, buscando compreender de que forma a criança se apropria de modos de agir, sentir e pensar culturalmente constituídos.

Pensar na criança como sujeito construtor de sua própria história requer de nós, professores, um repensar de valores e costumes. Da mesma forma pensar no currículo que dê conta desse sujeito de direitos e deveres exige um Projeto

Político Pedagógico planejado para essa nova realidade.

Após a Constituição de 1988 percebemos muitos avanços na sociedade e educação como um todo. O artigo 227, trata sobre a responsabilidade do estado e da família perante as crianças, ambos agora com o dever de assegurar-lhes a vida, saúde, alimentação, educação, lazer, entre outros, protegendo-as de qualquer forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão (Brasil, 2013). Tal fato foi de suma importância para uma grande reforma na Educação Infantil, trazendo perspectivas orientadoras quanto ao trabalho pedagógico voltado para a criança de 0 a 5 anos de idade.

O objetivo central das Instituições de Educação Infantil passaram a ser a promoção integral da criança, assegurando-lhe o acesso a processos de construção de conhecimentos e à aprendizagem de diferentes linguagens, além é claro, do direito a proteção, saúde, liberdade, respeito, dignidade, brincadeira, convivência e interação com outras crianças. A Escola antes focada apenas cuidado passa a obrigação de educar, formatizando as experiências vividas.

Para tanto, se faz necessário um bom planejamento das atividades educativas, a fim de contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades, que irão auxiliar a criança a aprender cuidar de si, tempo que vai imprimindo sua marca no mundo, transformando suas experiências em conhecimento sistematizado. Em outras palavras, o currículo deve contemplar o cotidiano da criança, suas potencialidades, o entorno da escola, alimentando sempre a curiosidade, a ludicidade e expressividade que perpassa todo aprendizado infantil.

Na dimensão humana, o currículo para a Educação Infantil deve contemplar a valorização da pluralidade cultural presente no espaço escolar, estabelecendo uma relação de pertencimento da criança com sua família, seu par, e comunidade, corroborando para a construção de sua identidade.

Nesta perspectiva, atender a criança em sua integralidade requer uma proposta pedagógica e curricular que possibilitem espaços e tempos para a participação de todos envolvidos no processo de construção do conhecimento da criança, por meio do diálogo constante com a família e comunidade, respeitando a forma como se organizam e valorizando o papel de cada um para a formação da criança.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil 2013), as experiências que acontecem no espaço escolar deve

possibilitar o encontro pela criança de explicações sobre o que ocorre a sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de agir, sentir e pensar.

Sendo assim, se faz imprescindível apoiar as crianças desde cedo ao longo de suas experiências no cotidiano da escola, favorecendo o estabelecimento de uma relação positiva com a Instituição educacional, assim auxiliar no fortalecimento de sua autoestima, despertando o interesse e curiosidade pelo conhecimento do mundo, a aceitação e o acolhimento às diferenças, apropriando-se de diversas linguagens para se expressar e aprender.

Cabe ao professor, nesse contexto, organizar espaços de aprendizagem com situações pedagógicas práticas que possibilite e interação, onde seja possível à criança explorar o mundo que a cerca, seus sentimentos, emoções, os limites e potencialidades do seu corpo, compreender o outro em suas especificidades, estabelecendo uma relação de interdependência e valorização do ser humano.

As crianças precisam explorar o ambiente escolar, brincar em pátios, quintais, praças, parque, com terra, plantar, colher, apreciar o ambiente, aprendendo desde cedo a se sentir parte do ambiente natural, por isso mesmo corresponsável por sua manutenção e preservação, desenvolvendo um olhar de respeito e cuidado sobre os seres vivos.

Ressalto aqui a rica experiência de organizar os espaços em oficinas interativas, em que crianças de faixa etária entre 3 a 5 anos se misturam, se ajudam e se unem por interesses em comum para realizar determinada atividade, observada em Reggio Emília, reproduzida com muito sucesso na Escola Infantil Apito onde tenho o prazer de viver minha prática docente. Os resultados dessas vivências são impossíveis de apurar, são registros que vão ficando na alma, assinalando o jeito de cada um ser e se portar no mundo.

A documentação pedagógica (relatos de professores, trabalhos das crianças, escrita, desenhos, pinturas, modelagem, arte com sucata) tomam paredes das salas de aula, refeitórios, área de lazer, cozinha. Há, também, um conselho de pais que funciona com um encontro bimestral, com objetivo de unificar família e escola, onde as práticas são pensadas e replanejadas junto com os professores, com uma visão integral da criança.

Acerca da arquitetura, além dos padrões legais para acolher uma criança em fase de desenvolvimento, deve oferecer beleza e leveza, tornando a escola um espaço alegre e criativo. Esse aspecto arquitetônico e estético é bastante defendido

pela abordagem Reggio Emília, que traz a criança como protagonista no processo ensino-aprendizagem, valorizando o aspecto estético do espaço escolar como um elemento educativo, utilizando produções das próprias crianças e elementos da natureza para enriquecer a escola. De acordo a perspectiva mencionada, ao ambiente é atribuído grande valor educativo, devendo ser a escola um espaço semelhante a um aquário, que permita ver as pessoas que vivem nela.

Percebe-se então, nítida defesa da necessidade de escutar as crianças para saber como vivem e interpretam o espaço arquitetônico da escola, e de que a criança tem direito a um espaço acolhedor e alegre. Através da arquitetura, procura-se um diálogo entre o ambiente interior (sujeito) e o exterior (escola) que permita a interconexão entre dentro e fora.

5. A ESCUTA SENSÍVEL – AMPLIANDO O OLHAR PARA A PRÁTICA DOCENTE

Pensar numa pedagogia que escuta implica em confrontar-nos um pouco com o conceito que temos de criança, infância e de como esses são praticados no dia a dia com a criança. Muito mais do que trazer teorias que dêem conta da amplitude do universo do “ser criança”, explicando-a em sua totalidade física e psicológica, compreende em entender a criança em sua dimensão ética e política, como sujeitos subjetivos, de direitos e deveres, completamente capazes de pensar, agir, criar e recriar o mundo que o cerca, sendo também influenciador do seu tempo e da história da sociedade de qual faz parte. De acordo com Carla Rinaldi(2012):

“Pois a pedagogia do escutar representa ouvir pensamento-ideias e teorias, questões e respostas das crianças e adultos; significa tratar o pensamento de forma seria e respeitosa; significa extrair sentido daquilo que é dito, sem noções pré- concebidas sobre o que é certo e apropriado”.

Nessa perspectiva, a criança deve ser oportunizada, a expor sua cultura a partir de suas vivências, se perceber como ser participante, como também sujeitos legítimos de conhecimentos.

5.1 A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA

Imprescindível ao falarmos de escuta sensível compreender o conceito de que criança e infância do qual tomamos como partida, para entender os valores que permeiam a relação do ensinar e aprender nessa perspectiva.

Tomarei como referência inicial Carla Rinaldi, em seu livro *Diálogos com Reggio Emília* (2012) ela traz que devemos partir do pressuposto de que nenhuma pedagogia é neutra, mas que carrega em si um emaranhado de valores éticos e políticos que determinam sua prática, em que a imagem que se tem de criança é o fator essencial a se pensar. Em concordância com suas reflexões, saliento a importância de perceber os serviços públicos como responsabilidade coletiva, um lugar onde as pessoas se conectam e se relacionam de forma respeitosa com consciência de sua interdependência com o outro.

Assim, a educação é construída com a participação e responsabilidade de todos, crianças, pais, educadores, comunidade, através de uma política democrática que valoriza o sujeito a partir da coletividade que representa. Trazendo muito dos aspectos sociointeracionistas defendidos por Vygotsky, que acredita na riqueza da interação entre os sujeitos envolvidos na educação, em que um sempre tem muito a ensinar e aprender com o outro.

Por tanto, problematiza a idéia de objetivos predeterminados, ampliando para formas alternativas de pensar e atribuir significado ao mundo, por meio de vivências, onde a subjetividade, a surpresa, o espanto e as dúvidas são combustível para o conhecimento. Reintegra Carla Rinaldi afirmando,

O aprendizado não acontece por transmissão ou reprodução. É um processo de construção no qual cada indivíduo constrói para si mesmo as razões, os significados das coisas, dos outros, da natureza, dos acontecimentos, da realidade e da vida (p.226).

Tomando como pressuposto a imagem de criança aqui instituída, entro em consonância com Loris Malaguzzi (1995), para a qual intitula como “criança rica”, posto que toda criança é inteligente, atribuindo significado ao mundo, num processo constante de construção de conhecimento, identidade e valores. Aqui a criança não é vista como sujeito frágil, mas construtor da sociedade a qual pertence, forte, dotada de habilidades e sensibilidade.

5.2 ESCOLAS COMO ESPAÇO DE PRÁTICA ÉTICA

Ao considerarmos a escola como lugar de participação de todos, espaço democrático e construção coletiva estamos salientando o viés político da educação para a escuta sensível, contudo, não se pode deixar de destacar os valores éticos que permeiam a escola. Assim, a escola não é só um lugar de construção de conhecimento, ela considera o sujeito em sua relação consigo mesmo e com o outro para a construção conjunta de valores sólidos como a amizade, solidariedade, respeito as diferenças, emoções e afeto.

Gosto da contribuição de Emmanuel Levinas (apud Dahlberg e Moss, 2005) acerca da “ética do encontro”, que não tenta universalizar ou padronizar os sujeitos, mas existe a partir do convívio respeitoso com a alteridade do outro. Por alteridade entende-se a interação entre o “eu”, interior e particular a cada um, e o “outro”, o além de mim. Esse conceito parte do pressuposto de que todo indivíduo social interdepende dos demais sujeitos de seu contexto social, ou seja, o mundo individual, subjetivo, apenas existe diante do contraste com o mundo do outro.

A *Escola Infantil Apito*, também traz em sua concepção essa formação política e ética, há uma preocupação eminente com o subjetivo e com o outro, onde a partir das relações estabelecidas nesse tempo e espaço, uma busca incansável para que a escola seja para a criança mais do que um lugar de obrigações, e sim um espaço de práticas éticas, que somente é possível através de uma pedagogia capaz de dar vez e voz à criança, pedagogia da escuta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo serviu aos objetivos da pesquisa, como se dá o processo de valorização das crianças no âmbito escolar, revelando que a escuta sensível do professor para com a criança é essencial quando se trata de Educação Infantil, já que é uma etapa da vida onde a criança constrói seus conceitos, valores e significados acerca de si mesmo e do outro, sendo uma impreterível ferramenta da ação docente. A criança escutada, respeitada, acolhida em suas singularidades, se sente segura para aprender, tendo forte influência na sua autoestima e construção da identidade, contribuindo para seu desenvolvimento biopsíquico-social.

Entretanto, foi possível compreender a criança como ser participante e

concreto, que um olhar sensível para a criança significa repensar toda proposta pedagógica, planejar e replanejar cada ação educativa, entender que a escuta sensível é um conjunto de interpretar, e analisar por meio de um currículo flexível que se constitua a partir do olhar atencioso para as necessidades expressas pela criança, compreendendo-a como sujeito protagonista no processo de ensino aprendizagem, onde a escola, o professor e a família são coparticipantes, mediadoras da criança na consolidação e significação do conhecimento.

Portanto, pensar numa pedagogia na educação infantil de qualidade em escutar e valorizar as vozes da criança no cotidiano escolar exige tempo, esforços, pesquisa e ação. Nesse sentido, é essencial a documentação das vivências das crianças na escola, observar e registrar na tentativa de compreender como se dão as relações sociais nesse ambiente, criança x eu interior, criança x professor, criança x outra criança, criança x escola x família, captando as impressões de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, para que cada um, ciente de sua parcela de responsabilidade, contribua da melhor forma possível.

Esta pesquisa também mostrou que apesar de haver muitos estudos acerca da temática da escuta sensível, ainda há bastante o que avançarmos no sentido de assegurar que aconteça nos espaços de Educação Infantil. Em outras palavras, a escuta sensível precisa sair dos projetos e planejamentos para se concretizar com ações constantes no cotidiano da escola.

Durante os meses que seguiram esta pesquisa em avaliar minha práxis com o grupo de 5 anos, vivi momentos riquíssimos em aprendizagem, não apenas pedagógica, mas humana. Pude constatar que nascemos para viver em sociedade, nossa interdependência é o que nos torna especiais, únicos, e que nessa breve jornada que é a vida eu não poderia ter escolhido uma profissão melhor e mais gratificante.

Particularmente, como professora, me despertou para a necessidade de acreditar no potencial da criança, que é ilimitado, compreendendo a importância do meu papel, apontar os caminhos, sintetizar, formalizar saberes e promover situações diversas de aprendizagem onde a criança possa utilizar as diversas linguagens que domina para aprender a conviver com as situações de conflito do cotidiano de forma a não se frustrarem com as dificuldades e transformar para melhor a realidade da qual faz parte.

REFERÊNCIAS

Anabel, Maevi Nono. **Educação Infantil: abordagens curriculares**. UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas Departamento de Educação São José do Rio Preto, 2010.

Barbier, René. **A escuta sensível na abordagem transversal**. São Carlos: UFSCar, 1998.

Barbier, René. **A pesquisa-ação**. Tradução por Lucie Didio. Série. Pesquisa em Educação, v.3. Brasília: Plano, 2002.

Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de currículos e Educação Integral. Brasília: 2013.

Ângela, Cancherini. **A escuta sensível como possibilidade metodológica**. Universidade Católica de Santos. Anais IV SIPEQ – ISBN - 978-85-98623-04-7.

Cerqueira, Teresa Cristina Siqueira. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível**. *Psic* [online]. 2006, vol.7, n.1, pp. 29-38. ISSN 1676-7314.

Dahlberg, Gunilla; Moss, Peter; Pence, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Magaluzzi, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Rinaldi, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. 1 e.d. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Rinaldil, Carla. **A pedagogia da escuta**. Palestra proferida em Reggio Emilia, Itália, em 26 fev. 2009.

Sarmiento, M.; Soares, N. Tomas, C. **Políticas públicas e participação infantil**. Mimeo, 2004.

Soares, N. **A investigação participativa no grupo social da infância**. In: Currículos sem fronteiras, v.6, n1, 2006.

Vygotsky, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4 e.d. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Disponível:<http://primeirainfancia.org.br/wpcontent/uploads/2012/01/EntrevistaElisabet.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2016.

Disponível:<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/pedagogia-sentidos-422945.shtml>. Acesso em 16 de abril de 2016.

Disponível:<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/importancia-registro-refletir-pratica-palavra-especialista-educacao-infantil-758892.shtml?page=4>. Acesso em 10 de abril de 2016.

ANEXOS

Anexo I – Arquivo pessoal (2015)



Anexo II – Arquivo Pessoal (2015)

